BOLETIM

Mulheres: presença, voz e poder

SETEMBRO DE 2026

Quando mulheres de diferentes regiões do país se reúnem para falar de presença, voz e poder, os números deixam de ser apenas estatística. Eles passam a revelar trajetórias, barreiras e caminhos possíveis. Foi esse o movimento do encontro virtual "Mulheres: presença, voz e poder": participantes das cinco regiões analisaram os dados das candidaturas de 2026 à luz de suas experiências e discutiram como fazer a **Carta Política*** ganhar vida nos territórios.

Os dados — pedidos de registro de candidatura apresentados ao TSE e consultados em 19 de agosto de 2026 — são uma fotografia daquele momento, sujeita a alterações decorrentes de julgamentos, substituições e atualizações do sistema. Ainda assim, ajudam a dimensionar um padrão:

- as candidaturas femininas variavam de 33,8%, no Sudeste, a 36,1%, no Centro-Oeste — uma diferença de apenas 2,3 pontos percentuais;
- a presença das mulheres permaneceu próxima de um terço em todas as regiões, indicando um padrão nacional de sub-representação;
- os números registravam candidaturas, mas não mostravam as condições reais de campanha: apoio partidário, recursos, segurança, visibilidade, permanência e poder de decisão.

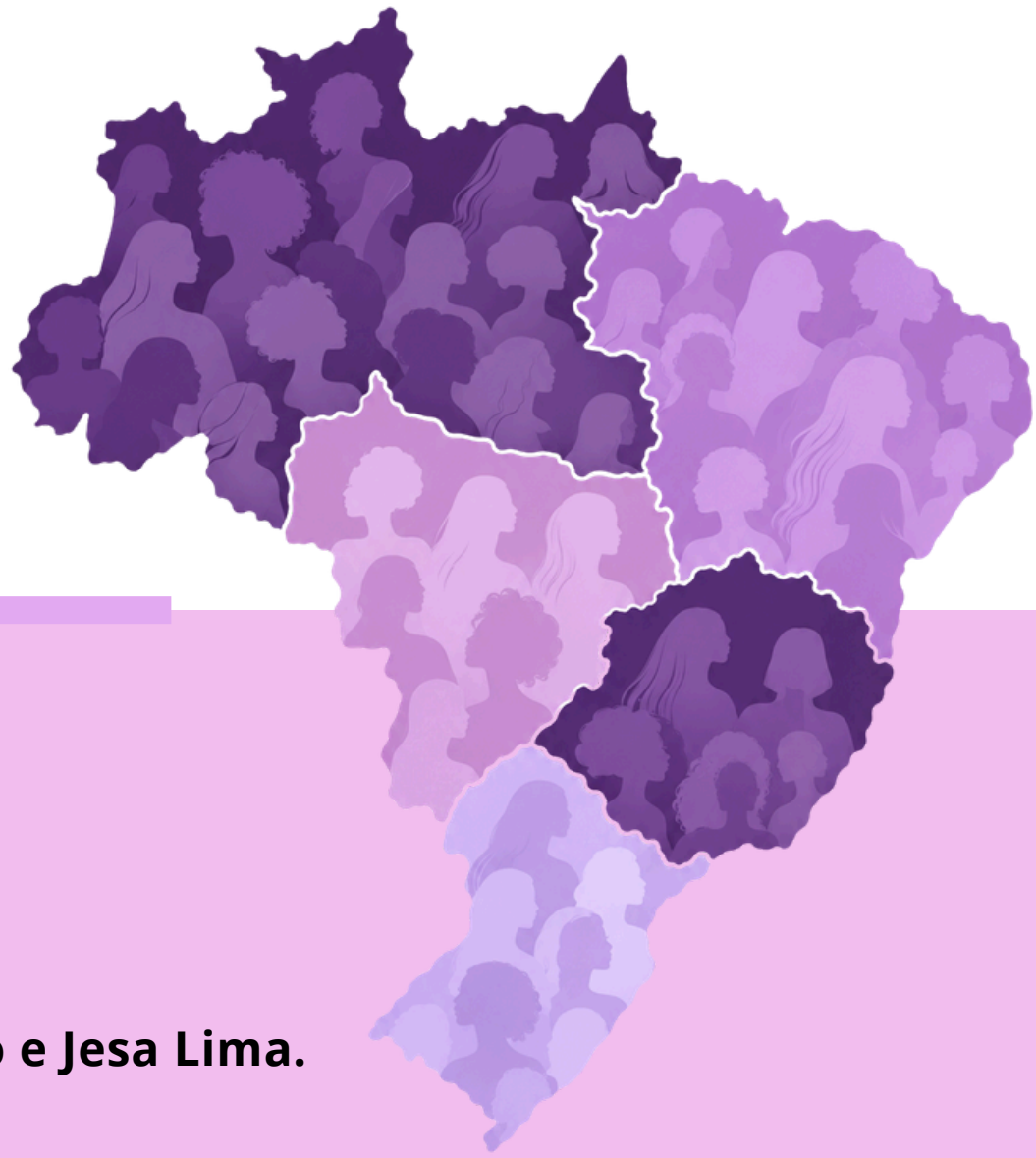
A escuta confirmou que a desigualdade assume diferentes formas nos territórios, mas tem raízes comuns: estruturas partidárias excludentes, machismo, racismo, violência política de gênero, sobrecarga do cuidado e barreiras de acesso a financiamento e informação. Ao mesmo tempo, as participantes apontaram caminhos concretos: formação política, trabalho de base, redes de apoio, comunicação com as juventudes, incidência institucional e circulação da Carta em agendas e espaços territoriais.

É dessa combinação entre evidências e experiências que nasce este boletim.
Nas próximas páginas, apresentaremos a síntese regional, os aprendizados de mulheres que já viveram uma candidatura e os compromissos da Carta Política.
Uma leitura para transformar presença em voz, voz em incidência e incidência em poder real de decisão.

Candice Araújo, assessora do ELO – Ligação e Organização, entidade responsável pela coordenação do GT de Mulheres da Plataforma MROSC.
*Veja adiante a carta política.

ACESSE AQUI A APRESENTAÇÃO DA ATIVIDADE MULHERES: PRESENÇA, VOZ E PODER

O que as regiões disseram



CENTRO-OESTE

Facilitação registrada: Mônica Macedo e Jesa Lima.

O que os dados e as falas revelam: **o grupo destacou a persistência da desproporção entre candidaturas de mulheres e de homens.** As participantes relataram que mulheres entram nas campanhas com força e disposição, mas podem ser pressionadas ou desestimuladas pelos partidos, ficando reduzidas ao cumprimento formal das exigências de diversidade.

Principais obstáculos: machismo, racismo, violência política de gênero e assédio; desgaste acumulado pelas mulheres; divergências sobre como envolver os homens no enfrentamento dessas estruturas.

Ações propostas: difundir a Carta de forma contínua nas redes; mobilizar comunicadores locais e estratégias de educomunicação; utilizar caravanas, encontros e agendas já existentes; promover rodas com juventudes e lideranças comunitárias; levar os compromissos da Carta a conselhos, fóruns e mesas de decisão.

NORDESTE

Facilitação registrada: Aline Braúna e Camila Veiga.

O que os dados e as falas revelam: **os números não surpreenderam o grupo e foram associados à realidade vivida nos territórios. Chamaram atenção a ausência de avanço percebido na representação racial e a existência de candidaturas estruturadas apenas para cumprimento de cotas.**

Principais obstáculos: concentração das decisões e dos recursos nas direções partidárias, majoritariamente masculinas; falta de trabalho de base, incentivo e apoio; pouca competitividade e visibilidade; descrença das juventudes na política; reprodução de valores machistas mesmo por mulheres que chegam aos espaços de poder; insuficiência de recursos para que as OSCs desenvolvam esse debate nos territórios.

Ações propostas: levar o tema às atividades da Plataforma; ocupar espaços de participação; divulgar a Carta nas redes; aproximar movimentos feministas da Plataforma; construir comunicação capaz de dialogar com as juventudes e enfrentar a desinformação.

NORTE

Facilitação registrada: Daianne Vieira e Roselene Lima.

O que os dados e as falas revelam: o grupo observou a semelhança dos percentuais entre as regiões e o aumento das candidaturas femininas, mas alertou para uma representatividade apenas numérica ou de fachada, sem conquista correspondente de espaço e poder nas estruturas partidárias e nas coligações locais.

Principais obstáculos: fiscalização insuficiente das candidaturas fictícias; apoio partidário baixo ou apenas aparente; falta de legitimidade nas próprias bases; pouco acolhimento e orientação sobre regras eleitorais; desigualdade de acesso a conhecimento e recursos, especialmente para mulheres de baixa renda.

Ações propostas: mobilizar uma personalidade pública negra e reconhecida para ampliar a credibilidade e o alcance da Carta nas redes; realizar uma reunião de lideranças femininas do Norte para escutar, reconhecer e estimular novas vozes.

SUDESTE

Facilitação registrada: Milena Franceschinelli e Ana Fonte.

O que os dados e as falas revelam: as participantes convergiram na compreensão de que as mulheres seguem tratadas como número, e não como vozes com acesso efetivo à decisão. A conversa articulou política partidária, economia do cuidado, responsabilidades familiares, financiamento, resgate histórico e a necessidade de ocupar todos os tipos de poder.

Principais obstáculos: barreiras partidárias, sociais e econômicas; instrumentalização e vulnerabilização das mulheres; sobrecarga do cuidado; dependência de financiamento; fragmentação dos grupos de mulheres; ausência de redes de apoio suficientemente fortes; normalização da baixa responsabilização pelo descumprimento das regras.

Ações propostas: fortalecer a mobilização coletiva, a formação política, o acesso a financiamento, as redes de apoio, a educomunicação e novos canais de comunicação para formar e sustentar novas lideranças.

SUL

Facilitação registrada: Alessandra Miranda e Eliane Brochet.

O que os dados e as falas revelam: a conversa ampliou o olhar para as condições concretas de acesso, permanência e desenvolvimento das mulheres no mundo do trabalho. O grupo relacionou participação política a desigualdades de gênero, raça, território, geração, deficiência, maternidade e outras dimensões da diversidade.

Principais obstáculos: sobrecarga do trabalho doméstico e de cuidado; discriminações na contratação e na permanência; desigualdades salariais e de oportunidades; distância entre direitos formalmente assegurados e a realidade; machismo, racismo, homofobia e outros preconceitos.

Ações propostas: transformar a Carta Política em compromisso para as eleições; organizar rodas territoriais orientadas por perguntas como “onde nos reconhecemos nesta Carta?” e “o que esses compromissos significam depois das eleições?”; revisar e fortalecer a Carta com dados sensíveis e diversidade.

Pontos em comum

- **Presença não é poder:** ampliar o número de candidaturas é necessário, mas insuficiente sem influência real sobre decisões, recursos e agendas.

- **As estruturas partidárias ainda são desiguais:** as mulheres relataram controle masculino das decisões, apoio frágil, pouca visibilidade e instrumentalização das candidaturas.

- **A violência afasta e desgasta:** machismo, racismo, assédio e violência política de gênero limitam o ingresso, a permanência e a atuação autônoma.

- **Participar exige condições concretas:** cuidado, renda, tempo, financiamento, informação, acolhimento e redes de apoio são parte da democracia.

- **A diversidade precisa redistribuir poder:** gênero deve ser articulado a raça, território, geração, deficiência, orientação sexual e outras dimensões que produzem desigualdades.

- **Formação e comunicação são estratégicas:** trabalho de base, educação política, educomunicação e diálogo com juventudes ajudam a enfrentar descrença e desinformação.

- **A agenda não termina nas eleições:** os compromissos devem alcançar partidos, OSCs, conselhos, fóruns, governos e todos os espaços de poder.

Aprendizados de quem já viveu uma candidatura:

Esses desafios coletivos também aparecem nas histórias de mulheres que já enfrentaram uma campanha eleitoral. A seguir, cinco participantes compartilham aprendizados, apoios que fizeram diferença e mudanças necessárias para tornar a participação política mais justa, segura e efetiva.

Que aprendizados a experiência de ser candidata deixou para sua trajetória e quais apoios ou estratégias foram importantes nesse percurso?

ALINE BRAÚNA

Lancei minha candidatura e logo retirei, pois como iria ficar sem o meu salário e o valor partidário não iria conseguir cobrir minhas despesas. **A primeira barreira é você ser mulher,** uma liderança comunitária, mas na hora do voto e do pleito outras pessoas surgirem e comprar com cimento, areia ou outras coisas.

A partir dessa vivência, o que precisa mudar nos partidos e no processo eleitoral para garantir uma participação mais justa, segura e efetiva das mulheres?

Maior percentual de mulheres, capacitação para as mulheres participarem de espaços de poder e confiança de outras mulheres, pois por diversas vezes escutei de próprias mulheres que não votaria em mulher, trabalhar logo cedo **que mulher pode sim votar em mulher** e que juntas podemos fazer a grande diferença isso irá permitir muitas mudanças.

Que aprendizados a experiência de ser candidata deixou para sua trajetória e quais apoios ou estratégias foram importantes nesse percurso?

A experiência como candidata reforçou o que vivencio na prática: **ser mulher, e especialmente ser mulher preta, ao disputar espaços de tomada de decisão, ainda significa enfrentar barreiras profundas e tentativas constantes de nos colocar apenas como figuração.** Esse processo me ensinou que a conquista da verdadeira equidade não acontece por concessão; ela se constrói na militância diária, no diálogo constante e, fundamentalmente, no fortalecimento da nossa base comunitária, que é onde reside a nossa real força e legitimidade política."

CARLA RODRIGUES

A partir dessa vivência, o que precisa mudar nos partidos e no processo eleitoral para garantir uma participação mais justa, segura e efetiva das mulheres?

Os partidos precisam urgentemente de letramento racial para superar práticas que ficam apenas na superfície.

Uma participação mais justa e segura exige a transformação das estruturas internas, garantindo processos democráticos e equânimes de verdade: com partilha justa de poder e recursos, enfrentamento à violência política e compromisso real com as mulheres, rompendo de vez com a lógica da representatividade sem voz e sem decisão.

Que aprendizados a experiência de ser candidata deixou para sua trajetória e quais apoios ou estratégias foram importantes nesse percurso?

A experiência de ter sido candidata a vereadora deixou grandes aprendizados para a minha trajetória pessoal, social e política. Durante esse percurso, compreendi que participar da política não significa apenas disputar uma eleição, mas representar pessoas, defender causas e dar voz a quem muitas vezes não é ouvida.

HELONEIDA PEREIRA

Como mãe atípica, pude conhecer ainda mais de perto as necessidades das famílias, especialmente das pessoas com autismo, das mães atípicas e daqueles que enfrentam dificuldades para acessar saúde, educação, assistência social e inclusão. Essa experiência fortaleceu em mim a certeza de que precisamos ocupar os espaços de decisão para transformar nossas lutas em políticas públicas efetivas.

Mais do que votos, essa experiência me deixou vínculos, conhecimento e a certeza de que minha missão continua. Ser candidata fortaleceu minha liderança e mostrou que a política também pode ser construída com sensibilidade, compromisso, escuta e amor pelas pessoas. Continuo defendendo os direitos das pessoas com deficiência e das famílias atípicas, porque acredito que toda trajetória de luta pode abrir caminhos para uma sociedade mais justa, inclusiva e humana.

O único apoio que tive foi das familias atipicas, alguns atipicos, amigos e conhecidos das familias atipicas, voluntarios, pessoas que estão proximas;

A partir dessa vivência, o que precisa mudar nos partidos e no processo eleitoral para garantir uma participação mais justa, segura e efetiva das mulheres?

A partir da minha vivência como candidata a vereadora, percebi que ainda são necessárias mudanças profundas nos partidos políticos e no processo eleitoral para garantir uma participação mais justa, segura e efetiva das mulheres.

Os partidos precisam deixar de enxergar as mulheres apenas como nomes para cumprir a cota de candidaturas. É necessário oferecer condições reais de participação, com distribuição justa dos recursos financeiros, espaço na propaganda eleitoral, formação política, assessoria jurídica, planejamento de campanha e apoio de comunicação. As mulheres precisam participar das decisões partidárias e ocupar cargos de liderança dentro das próprias legendas.

No meu caso eles me inscreveram como politica e nem me orientaram deixando eu perder alguns prazos, não pude expressar publicamente minha candidatura, ainda fui perseguida pela minha secretaria onde trabalho como professora, fora aberto um processo administrativo, enfim.

O partido politico precisa do nosso apoio mas não apoia quando resolvemos candidatar-se.

Acredito que uma democracia verdadeiramente representativa somente será possível **quando as mulheres puderem participar em igualdade de condições, com respeito, recursos, formação, segurança e voz nas decisões.** Não basta incentivar as mulheres a se candidatarem; é preciso garantir que elas tenham condições reais de competir, serem eleitas, exercer seus mandatos e transformar suas experiências em políticas públicas para toda a sociedade.

MÁRCIA SANTANA

Que aprendizados a experiência de ser candidata deixou para sua trajetória e quais apoios ou estratégias foram importantes nesse percurso?

A experiência de ter sido candidata em eleições municipais deixou marcas que ainda carrego e que me lembram de como as mulheres precisam ser protagonistas, e não apenas cotas ou plateia, nos processos decisórios, sejam eles eleitorais ou em outros espaços políticos e sociais. Dar voz, vez e visibilidade é fundamental, mas tudo começa em nós mesmas, quando reconhecemos, presenciamos ou até mesmo toleramos atitudes misóginas sem nos posicionarmos em defesa de nossos direitos.

Os apoios nesse processo vieram principalmente de familiares, amigos e amigas próximos. Já por parte dos partidos políticos, das coordenações de campanha e até mesmo da militância de movimentos e coletivos sociais, o suporte foi muito reduzido ou quase inexistente, especialmente por parte dos homens que, em geral, estão à frente das campanhas e dos diretórios partidários.

Hoje, não me sinto motivada a disputar novamente um pleito eleitoral, pois percebo que, apesar dos avanços legais que incentivam a participação das mulheres na política, ainda existem desafios importantes para que essa presença se traduza em mudanças efetivas e em maior igualdade de oportunidades.

A partir dessa vivência, o que precisa mudar nos partidos e no processo eleitoral para garantir uma participação mais justa, segura e efetiva das mulheres?

As mudanças necessárias são muitas, **mas destaco a importância de denúncias e posicionamento firme das mulheres na garantia, promoção e defesa de nossos direitos.** É essencial investir em letramento político feminino, ampliando nossa presença não apenas nos partidos, mas também nos espaços institucionais em que atuamos.

Já tivemos um partido voltado às mulheres: **o Partido da Mulher Brasileira (PMB), fundado em 2015 por Suêd Haidar Nogueira, única mulher a criar um partido político no Brasil.** O PMB chegou a ter uma das maiores bancadas da Câmara dos Deputados, com 21 parlamentares, mas muitos ficaram pouco tempo na legenda, usando-a como "janela partidária".

A maioria desses 21 deputados eram homens, o que evidencia como, mesmo em um partido criado para ampliar a participação feminina, o protagonismo masculino ainda prevaleceu. Muitos ficaram pouco tempo no PMB, usando a legenda como "janela partidária" para reorganizar suas carreiras políticas.

Em dezembro de 2025, o PMB mudou de nome para Democrata, buscando ampliar representatividade e reforçar valores democráticos.

Provocação final: será que precisamos novamente de um partido feminista para garantir que nossas pautas não sejam diluídas e que a participação das mulheres seja realmente efetiva?

Que aprendizados a experiência de ser candidata deixou para sua trajetória e quais apoios ou estratégias foram importantes nesse percurso?

NIVETE AZEVEDO

O maior aprendizado para mim, foi ver de perto as barreiras do sistema partidário e cultural, que as mulheres enfrentam para exercer o seu direito de estar na política e conquistar um cargo eletivo nas instâncias democráticas da República Brasileira. A primeira barreira é estar em minoria no Partido, mesmo ele sendo de esquerda, porque a sua voz não tem eco e o seu poder de decisão, em termos numérico, torna-se frágil, os homens estão em maioria e unidos. O outro, é a manobra partidária para cumprir a cota, mínima, com candidatura de mulheres. O número de mulheres candidatas não passa de 30%, mesmo a Lei de Cotas dizendo que o mínimo é de gênero e não de mulheres exclusivamente. Essa desigualdade também é uma realidade na divisão das verbas partidárias, a maior parte dos recursos é para os candidatos.

Somado a tudo isso, temos as barreiras culturais que vão desde o desencorajamento das mulheres entrarem nos partidos com aquele discurso que política não é coisa de mulher, até ela assumir uma candidatura e um mandato carregando consigo todos os afazeres que ainda são impostos às mulheres no mundo privado do doméstico, com a tripla jornada e o cuidado com as crianças e idosos, que por falta de políticas públicas de creche e rede de apoio para idosas(os), as mulheres tem que dar conta de tudo isso paralelamente.E, por fim, é o enfrentamento as violências de gênero que as mulheres sofrem na política, pelos misóginos, racistas e transfóbicos, que ainda estão em maioria nos espaços de poder.

E, a lição de tudo esse processo, que enfrentei de perto como candidata a vereadora, no Cabo de Santo Agostinho, pelo Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras, em 2024, foi que não podemos desistir e precisamos encorajar mais mulheres a entrarem nos partidos, se candidatarem e trabalhar mais ainda para a qualificação do voto feminino para eleger mais mulheres e podermos avançar no equilíbrio de gênero nas instâncias de poder.

A partir dessa vivência, o que precisa mudar nos partidos e no processo eleitoral para garantir uma participação mais justa, segura e efetiva das mulheres?

Precisamos ampliar a formação política e feminista das mulheres para quebrar as barreiras culturais sobre política e partidos;

Precisamos ampliar a participação das mulheres nos Diretórios dos Partidos, com poder de decisão;

Precisamos de Leis que estabeleça um novo sistema de composição das candidaturas com listas alternadas: 01 homem e 01 mulher sucessivamente, até fechar a chapa e termos 50-50.

A Carta que orienta nossos passos

A Carta Política do Encontro de Mulheres da Plataforma MROSC, construída em 24 de março de 2026, afirma que não basta a presença simbólica das mulheres. É preciso garantir poder real de decisão, influência sobre recursos e agendas estratégicas, diversidade na governança e condições concretas para participar e permanecer.

- **fortalecer a incidência política das mulheres nos níveis nacional e regional;**
- **investir em formação política e no enfrentamento à desinformação;**
- **incorporar as perspectivas racial, territorial e interseccional à governança;**
- **garantir acesso equitativo aos recursos e fortalecer organizações lideradas por mulheres;**
- **promover cultura de cuidado, bem viver e sustentabilidade da participação;**
- **defender a laicidade do Estado, a democracia e os direitos.**

ACESSE AQUI A CARTA POLÍTICA COMPLETA.

Queremos mais mulheres em todos os tipos de poder.
Com presença, diversidade, condições de permanência e poder real de decisão.

Por tudo e por todas, seguimos em movimento.

EXPEDIENTE

- **REALIZAÇÃO:** GT DE MULHERES DA PLAFORMA MROSC
- **TEXTOS E ENTREVISTAS:** CANDICE ARAÚJO - ELO LIGAÇÃO E ORGANIZAÇÃO
- **DESIGNER EDITORIAL E DIAGRAMAÇÃO**: ELZA MONTAL - ELO LIGAÇÃO E ORGANIZAÇÃO
- **FOTOGRAFIAS:** CAIO SANTANA / INNOVARE FILMS

GT Mulheres
DA PLATAFORMA MROSC
Coordenação: ELO Ligação e Organização

Realização

Execução